



## **A RELAÇÃO DA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE COM A PRÁTICA DOCENTE NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

### **THE RELATIONSHIP OF PAULO FREIRE'S AUTONOMY PEDAGOGY WITH TEACHING PRACTICE IN AN EDUCATIONAL CONTEXT**

CASTRO, Sumaya Pimenta de<sup>1</sup>  
MALAVASIM, Abigail<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

As obras de Freire são de extrema relevância para auxiliar os profissionais da educação nas suas práticas educacionais cotidianas, visto que ele buscava um cenário que prezasse o diálogo para que todos os atores da educação tivessem autonomia em suas relações. Nesse artigo, buscou-se destacar a importância e a relação do livro "Pedagogia da Autonomia" de Paulo Freire com as práticas educacionais na escola regular diante da vivência e experiência docente dos autores do trabalho em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo Freire; Pedagogia da autonomia; Escola; Professor; Prática docente.

#### **ABSTRACT**

Freire's works are extremely relevant in assisting education professionals in their daily practices, given that he envisioned a scenario in which dialogue would be valued, so that all actors could be autonomous in their relations. In this paper we sought to highlight the importance and the relationship of Paulo Freire's book "Pedagogy of Autonomy" with the educational practices at school vis-a-vis the authors' experiences.

**KEY WORDS:** Paulo Freire; Pedagogy of autonomy; School; Teacher; Teaching practice.

#### **INTRODUÇÃO**

Educar não é uma tarefa fácil. Exige muito esforço, paciência e tranquilidade. Exige saber ouvir, mas também saber calar durante o processo de ensino e aprendizagem. O medo de magoar ou decepcionar deve ser substituído pela certeza de que o amor também se demonstra sendo firme no estabelecimento de limites e responsabilidades.

Muitos autores discutem aspectos a serem adotados dentro do contexto educacional e Paulo Freire acaba sendo um dos que tem imensa contribuição para a melhoria da

<sup>1</sup> Pedagoga e mestranda em Práticas Docentes no Ensino Fundamental pela Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES. e-mail: sumayapimenta@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora e Docente do Mestrado em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.30808

qualidade do ensino, da aprendizagem, das relações dentro do ambiente escolar, entre outras aplicações.

Por essa razão, este artigo busca destacar a importância e a relação do livro "Pedagogia da Autonomia", de Paulo Freire, com as práticas educacionais na escola regular diante da vivência e da experiência docente dos autores do trabalho em questão.

## **A RELAÇÃO DAS OBRAS DE FREIRE E DA SUA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

A prática educacional dos professores deve sempre passar por constante reflexão para que possa ter maior aproximação entre teoria e prática, o conhecimento e a realidade. Sobre isso, Freire (2010) fala que a relação entre teoria e prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, "ativismo", ou seja, ambas precisam caminhar juntas desde a formação docente e perdurar por toda sua vida profissional dentro da educação.

Ao ingressar na vida escolar, o professor passa a perceber como essa relação era evidente e faz frente às proposições de Freire em muitas de suas obras, algumas delas propostas pela própria escola para aprimoramento do trabalho docente dos seus professores. Foi nesse sentido que a equipe gestora e pedagógica presenteou cada docente, durante minha vivência como professora alfabetizadora na educação básica, com o livro "Pedagogia da Autonomia" como um dos elementos norteadores da prática educacional dessa instituição de ensino.

A educação da escola deve levar ao desenvolvimento global e harmonioso à luz dos valores sociais, despertando e estimulando o educando para a verdade, a justiça, o respeito e a solidariedade. Esse ideal da instituição vai ao encontro da formação e das concepções educacionais de Paulo Freire, que crê na educação autêntica como o caminho necessário para a justiça e a paz. Assim, Freire descreve que a escola deve estar pautada em um modelo de "pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade, à própria autonomia do educando" (FREIRE, 2010, p. 16).

Nas palavras de Freire, o professor deve exercer a prática docente para que os alunos tenham autonomia para aprender sem pressões. Nas diferentes realidades educacionais, a prática docente deve procurar aguçar a curiosidade dos alunos principalmente por meio de pesquisas na troca de saberes. No ensino/aprendizagem por meio das atividades lúdicas, o conteúdo interage com os objetivos a serem trabalhados no momento oportuno. Na troca de saberes entre o professor e os educandos, estes constroem e reconstróem seus saberes desenvolvendo sua autonomia. Assim, "[...] nas condições de verdadeira aprendizagem", Freire (2010) afirma que "os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo (FREIRE, 2010, p. 26)".



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.30808

Durante os anos vivenciados em sala de aula como professora nas séries iniciais da Educação Fundamental em escola privada, foi possível perceber que, como atores da educação, o professor e o aluno necessitam de pesquisa, de desafios, de coisas novas e de estímulos. Nos momentos da apresentação oral das pesquisas elaboradas pelos alunos, as crianças respeitavam a fala do outro e demonstravam curiosidade pelo objeto em estudo, ainda que não se expressassem muito bem, adquirindo autonomia gradativamente. Sobre isso, Freire (2010) destaca que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2010, p. 29).

Nas salas da rede pública, é possível observar que se faz necessária também a troca de saberes, porém, em outra perspectiva, sendo de imensa importância que haja interação entre professor e aluno não apenas eventualmente, e, sim, constantemente. Para isso ocorrer mais facilmente, é importante que o professor atraia seus alunos para aula, iniciando-as, por exemplo, com uma conversa informal, o que leva as crianças a perceberem que algo novo irá acontecer. Com essa postura, os alunos passam a escutar mais a fala do professor e, assim, permitir uma aproximação de diálogo entre professor e alunos para conhecê-los melhor, inclusive alguns casos familiares ou problemas da própria escola. Dessa forma, o aluno sente-se acolhido nas suas vivências ou experiências e a escuta sempre aproxima, de maneira que quando ele ensina ao mesmo tempo em que aprende, se apropria do conhecimento e dos aspectos culturais gerais. Assim, “ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural” (FREIRE, 2010, p. 41).

Para explicar melhor esses fatos observados em meu cotidiano escolar, Freire (2010) destaca que é preciso “estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos” (FREIRE, 2010, p. 30).

Na educação, é fundamental a postura ética dos seus atores. Na prática educacional, torna-se evidente a importância do professor planejar criteriosamente cada aula, visando atingir não apenas conhecimento, mas também valores sem os quais não seria possível atingir os objetivos almejados. Nesse sentido, Freire afirma que os seres humanos são “capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fazem seres éticos” (FREIRE, 2010, p.33).

A postura do educador “progressista” deve ser o exemplo para os alunos. Nesse aspecto, os docentes devem prezar por manter atitudes coerentes com as suas falas. O aluno vai gostar de ler e escrever se eu, professora, também mostrar interesse pela leitura e escrita. Quando os atos dos professores não correspondem à próprias falas, fica mais difícil interagir com a criança numa postura honesta e coerente. Desse modo, Freire (2010) relata que na prática educacional, “pensar certo é fazer certo” (FREIRE, 2010, p.34), ou seja, o professor não pode querer algo do aluno que ele esteja distante, disso, pois o aluno também irá se distanciar.

Quando as crianças encontram dificuldade para aprender e necessitam de apoio ou mesmo da famosa “recuperação”, os docentes, dentro de suas próprias vivências dentro da educação, mostram que tudo é possível, que é necessário seguir



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.30808

em frente, mas com esforço e determinação, buscando levantar a autoestima desses alunos e, assim, prosseguir com o conteúdo que ficou para trás por diferentes motivos e em diferentes contextos.

O professor não pode discriminar o aluno que não aprendeu ou não consegue aprender. Sob essa ótica, Freire (2003) deixa claro que a educação nunca pode ser discriminatória em nenhum aspecto, devendo o professor se arriscar, inovar, para oferecer o melhor para seus alunos, onde "o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria" (FREIRE, 2003, p. 52).

Não importa a realidade em que atuei, seja na educação na rede privada ou pública, a minha formação profissional foi a mesma e a minha conduta também. Cada situação exige uma reflexão crítica de como lidar com ela e, desse modo, Freire elucida que "é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática" (FREIRE, 2010, p.39). Isso fica evidente quando uso minha experiência anterior para lidar com as diversidades.

Antes de tudo, é preciso diagnosticar as necessidades dos alunos, respeitando o contexto cultural, social, afetivo e também com relação ao nível de desenvolvimento que apresenta seus conhecimentos em leitura e escrita. Nessa análise inicial, é possível planejar as aulas para que elas não se detenham apenas à transmissão de conhecimentos, mas que sejam transformadoras da realidade.

De acordo com Freire (2010), o ensino dos conteúdos não pode se deter apenas à transmissão do saber, sendo ela importante para formação de cada indivíduo que perceberá que a aprendizagem é um elemento indissociável do ambiente escolar, da mesma forma que o conhecimento não deve ser trabalhado como algo finalizado e, sim, que pode ser revisto, recriado, repensado. Isso deve respeitar a natureza da aprendizagem de cada aluno para que adquira autonomia para ter um aprendizado significativo diante de suas necessidades e limitações.

Freire (2010) descreve a necessidade de o professor ter bom senso ao desenvolver suas práticas pedagógicas para atingir mais facilmente a autonomia dos alunos. Levando isso para a minha realidade como educadora, sempre que percebo que alunos estão com dificuldades ou que a minha metodologia não está acessível, tento fazer algo diferente, pois a utilização de atividades lúdicas sempre são interessantes aos educandos.

O professor precisa saber ouvir, sentir, olhar o que cada educando apresenta para poder articular os saberes necessários ao processo de ensino aprendizagem. Nesse aspecto, Freire (2010, p. 69) cita que "aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito" e "a curiosidade como desafio para provocar algum conhecimento provisório de algo" (FREIRE, 2010, p. 87).

Por isso é tão importante o professor saber usar as metodologias e recursos para que os alunos aprendam cada vez mais e tenham autonomia necessária para isso, além de utilizá-las com alegria, entusiasmo e a esperança de fazer a diferença em suas vidas, visto que Freire (2010) descreve que nenhum educador deve cruzar os braços diante das fatalidades, mesmo diante da impossibilidade de mudar a sua



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.30808

realidade.

Em muitos momentos durante a prática educacional, a mudança é necessária, principalmente na educação pública, visto as diferentes realidades educacionais que sofrem influência direta das desigualdades sociais locais e que podem até acarretar problemas de alfabetização. Daí vem à mente: como os professores permitiram que isso acontecesse já que eles têm a autonomia dentro de sala de aula e dos processos educativos? Tanto eu quanto eles encaramos uma realidade educacional de cotas em que o que vale é o número de aprovados e não a qualidade da aprendizagem.

O desafio de todo educador é tentar mudar essa realidade e deixar claro, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, que os alunos devem ter autonomia para desenvolver suas habilidades leitoras e escritoras e isso servir de pilar para os demais anos de escolaridade à frente.

Pensando no bem-estar dos alunos, o poder público deveria ter mais cuidado no trato com os professores, visto que eles encaram muitas diversidades dentro da escola. Hoje na minha prática dentro da educação básica da rede pública, percebo claramente o desânimo dos professores com as condições de trabalho e com sua remuneração; alguns deles, porém conseguem superar esses impasses pelo fato de gostarem do que fazem e de terem consciência da importância da educação como forma de libertar os indivíduos das sombras da ignorância. Por essa razão, Freire (2010) afirma que as autoridades da educação devem lutar em defesa de seus professores para que estes lutem em defesa de seus alunos.

O professor enfrenta as dificuldades em benefício de seus educandos quando tem generosidade, competência e segurança naquilo que faz e pratica. No contexto escolar, o professor não pode ser estático, sempre buscando se atualizar, pesquisar, refletir sobre as suas ações para que tudo que fizer tenha algum sentido e contribua para a melhoria das suas aulas e da aprendizagem dos seus alunos.

A generosidade é uma virtude que devemos aprender e exercitar. Aprendi a observar minhas posturas docentes e pude identificar a presença dessa virtude. Quanto à generosidade, vejo isso em minha relação com os alunos, quando respeito os seus saberes e suas dificuldades e ofereço-lhes os meios para que possam superá-las. Nessa vertente, o professor deve sempre buscar melhorar sua prática e formação, visto que "o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe" (FREIRE, 2010. p.92).

Atuando nesses últimos seis anos em escola pública, que dispõe de uma realidade mais desafiadora e cheia de percalços, sempre me faço valer de que a educação é uma forma de intervenção no mundo e na realidade em que a escola se insere. Assim, "não posso ser professor sem me por diante dos meus alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente" (FREIRE, 2010, p. 96). Não posso escapar à apreciação dos alunos e a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Assim, me vejo como "professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo" (FREIRE, 2010, p. 102). Respeitar o direito do outro em sala de aula se faz presente em todas as



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.30808

atividades. Iniciar uma aula e elucidar sempre que necessário, com uso da “autoridade” do professor, uma postura ética entre os educandos é de real importância para o bom desempenho de qualquer atividade proposta. Exemplificando isso, com ações de minha prática, quando desenvolvo uma atividade de leitura ou escrita e coloco que o silêncio se faz necessário, os alunos devem respeitar o que foi proposto. Essa postura se diferencia de “autoritarismo”. Para Freire (2010, p. 105), “o grande problema que se coloca ao educador ou à educação de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade”.

Enfatizando novamente o diálogo, lembro, em uma de minhas aulas, que uma aluna começou a contar espontaneamente suas aflições no cotidiano familiar e as crianças fizeram um “silêncio imediato”, necessário à fala do colega. Partindo desse ponto, Freire (2010, p. 113) descreve que “[...] o educador que escuta, aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele”.

Freire (2014, p. 9) descreve que “o verdadeiro compromisso é a solidariedade” e ouvir o aluno no ambiente escolar se torna muito importante, visto que o diálogo fora da escola muitas vezes é pouco evidenciado.

Nesse aspecto, a educação precisa ter a qualidade satisfatória e zelar pela reflexão e ação do educador para a formação de seus alunos. Isso se destaca nas palavras de Freire (2014, p. 8) quando ele fala que “[...] não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem – realidade”.

Buscar junto aos alunos dias melhores dentro da realidade e fazer com que eles acreditem que isso é possível deve ser um exercício frequente em sala de aula, de modo que Freire (2010) relata que “o poder da ideologia me faz pensar nessas manhãs orvalhadas de nevoeiro em que mal vemos o perfil dos ciprestes como sombras que parecem muito mais manchas das sombras mesmas. Sabemos que há algo metido na penumbra, mas não divisamos bem” (FREIRE, 2010, p. 126).

Nesse sentido, é importante que o docente sinta o ambiente e os seus alunos, e em seguida deixe as coisas do jeito que o permita se sentir a vontade com sua turma e ao mesmo tempo mostre a necessidade da mudança, desde a arrumação do espaço físico, materiais, e principalmente, procurando saber os hábitos do outro professor, como são os horários, observando os cadernos entre outras coisas que me abrem espaço para atuar com mais segurança.

Finalmente, o conteúdo apresentado muitas vezes, precisa ser adaptado ou transformado diante do que foi observado. “[...] Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos deveriam ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista” (FREIRE, 2010. p. 145).

Hoje em dia há a necessidade de a escola saber dialogar com seus alunos para dar sentido ao ensino e, ao mesmo tempo, auxiliar na elaboração do currículo programático da escola. Quanto a isso, Freire (2011, p. 47) ressalta que “o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição, mas revolução



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.30808

organizada [...], sistematizada [...] daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada”, na tentativa de alcançar o maior objetivo, qual seja, o melhor futuro para o educando e, automaticamente, para toda a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

[...] a prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar, se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes (FREIRE, 2010, p. 22).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Comparando a prática docente na atualidade com as ideias da obra de Freire, foi possível contemplar que, no caminhar da vida dentro da educação, os professores mais comprometidos com a aprendizagem dos alunos acabam seguindo seus passos e pensamentos para ajudar a enfrentar todas as adversidades que forem sendo encontradas.

Ao ter contato com as ideias e pensamentos de Freire, os professores passam a refletir mais sobre sua própria ação docente e pedagógica, como também a ouvir mais seus alunos, interagindo com eles para que possam estreitar seus laços no intuito de favorecer grandemente a aprendizagem com o máximo de autonomia e esperança. “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 2010, p. 58).

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FREIRE, Paulo. *Educação e mudanças*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

*Recebido em 15 de outubro de 2017.*

*Aceito em 23 de novembro de 2017.*